

Terrorismo na Zambézia

Quatro mortos e 24 raptados em operação da "Resistência"

António Duarte, em Maputo

O Jornal - 26/8/83

Após um período de relativa acalmia no centro de Moçambique, a chamada Resistência Nacional Moçambicana voltou a atacar na província da Zambézia: um grupo armado assassinou dois geólogos soviéticos e dois operários moçambicanos e raptou 24 cooperantes da URSS e quatro trabalhadores da região.

A acção bárbara do grupo armado ocorreu na madrugada de domingo, dia 21, mas só ontem, quinta-feira, foi divulgada por razões de segurança.

A operação lançada pelo grupo autodenominado Resistência Nacional Moçambicana — a que os moçambicanos chamam de bandidos armados — teve, como objectivo, as instalações de minas de Moçambique em Morrua, no distrito do Ille, província da Zambézia: um alvo civil.

Este atentado e rapto surge na sequência da visita oficial que o presidente Samora Machel fizera à província da Zambézia, há duas semanas. Observadores admitem, em Maputo, que o acto terrorista tenha sido uma «resposta» às atitudes firmes assumidas pelo Presidente da República na província da Zambézia, ao denunciar a corrupção local, ao

exortar à produção, ao zúfir no inimigo (os bandidos armados) e ao depurar quadros militares da região.

Com efeito, dado que o acto terrorista ocorreu de madrugada e numa província sujeita a vigilância especial, tudo indica que as forças da chamada Resistência, as quais, normalmente, penetram no país através da fronteira com a África do Sul, tenham tido alguma colaboração interna.

Os alvos civis estavam bem determinados: noite cerrada, o grupo armado invadiu as habitações dos cooperantes soviéticos, assassinou dois — que, possivelmente, ofereceram resistência — e raptou 24.

Os dois geólogos soviéticos foram friamente assassinados à queima-roupa, com rajadas de metralhadora, no seu quarto.

Dois trabalhadores moçambi-

canos, encarregados da vigilância popular às instalações da empresa, perderam a vida, quando fizeram frente aos «bandidos armados».

Acto contínuo, o grupo terrorista raptou 24 cooperantes soviéticos, tendo deixado em paz os restantes técnicos, entre os quais alguns portugueses e alemães da RDA.

Antes de abandonar as instalações do complexo mineiro, o grupo terrorista saqueou algumas residências, o Centro de Saúde e a loja da empresa e destruiu edifícios e vário equipamento, após o que raptou, ainda, duas senhoras e dois jovens de nacionalidade moçambicana.

Os geólogos soviéticos encontravam-se a trabalhar em Moçambique no quadro dos acordos assinados entre a República Popular de Moçambique e a URSS. O trabalho dos geólogos visa desenvolver os recursos minerais do país, no âmbito da luta global que o povo moçambicano trava contra o subdesenvolvimento, e criar as bases materiais do sistema económico.

Segundo um comunicado do

Ministério da Defesa Nacional, ontem divulgado em Maputo, «esta acção bárbara dos bandidos armados na província da Zambézia insere-se na estratégia de desestabilização levada a cabo pelo regime militarista e racista sul-africano». E conclui o Ministério da Defesa Nacional: «A escolha, como alvo de técnicos cooperantes, é parte integrante da estratégia do regime militarista da África do Sul. Visa, por um lado, bloquear o esforço de todo o povo moçambicano para melhorar o seu nível de vida e bem-estar, destruir as bases da nossa economia e impedir a cooperação técnica da República Popular de Moçambique com outros países. Por outro lado, ao multiplicar actos terroristas contra cidadãos civis de outros países, tenta provocar o alargamento das forças envolvidas na guerra não declarada que os racistas movem contra os povos da África Austral.»